

Espaço de sobra para se divertir

Sempre de portas abertas, o Parque da Cidade é endereço certo para o lazer (bom e barato) da família inteira

Cibelle Colmanetti
Rosana Gonçalves
Da equipe do **Correio**

Há dois anos, Ismael Torres dos Santos Júnior ficou sem fôlego depois de empurrar — por uns 20 metros — seu carro enguiçado. Foi o suficiente para o técnico em informática, então com 19 anos de idade, concluir que precisava sair do sedentarismo e praticar exercícios. O local escolhido foi o Parque da Cidade Sarah Kubitschek.

Incrustado no centro de Brasília, o maior parque do mundo — com área de 4 milhões 120 mil metros quadrados — é um dos pontos de lazer mais procurados em todo o Distrito Federal. São 10 mil pessoas por dia durante a semana. Aos sábados e domingos, o número de frequentadores sobe para 80 mil. E os brasilienses não elegeram o lugar apenas como ideal para a prática de espor-

tes ao ar livre. Ele também é o cenário para reuniões de amigos, passeios com a família, ou simplesmente para relaxar um dia inteiro, sem preocupação.

O parque tem público cativo durante o dia ou à noite, não apenas quando a temperatura é elevada e o sol forte. O tempo nublado e a ameaça de chuva não costumam afastar do parque aqueles que já se habituaram a frequentá-lo. “Esse lugar é antiestressante. É ideal para a gente aliviar a carga do dia-a-dia”, revela Ismael.

Por isso é que diariamente o técnico em informática gasta uma hora e meia — das duas que tem para almoço — se exercitando no Parque da Cidade e, pelo menos três vezes por semana, volta para lá depois do trabalho para fazer *cooper*.

Inaugurado há 21 anos, o Parque da Cidade foi idealizado pelo urbanista Lúcio Costa; tem projeto arquitetônico de Oscar Nieme-

yer e paisagístico de Burler Marx. Dentro de seus limites, há parque de diversões, pistas de kart, hípica e pista de aeromodelismo.

O verde se espalha pelos 4,1 milhões de metros quadrados. Afinal, são 300 mil árvores, muitas delas frutíferas, como as mangueiras, pitombeiras, amoreiras e jaqueiras. Depois de uma caminhada sob o sol, não há quem resista a procurar alguma sombra para sentar-se e recuperar o ânimo.

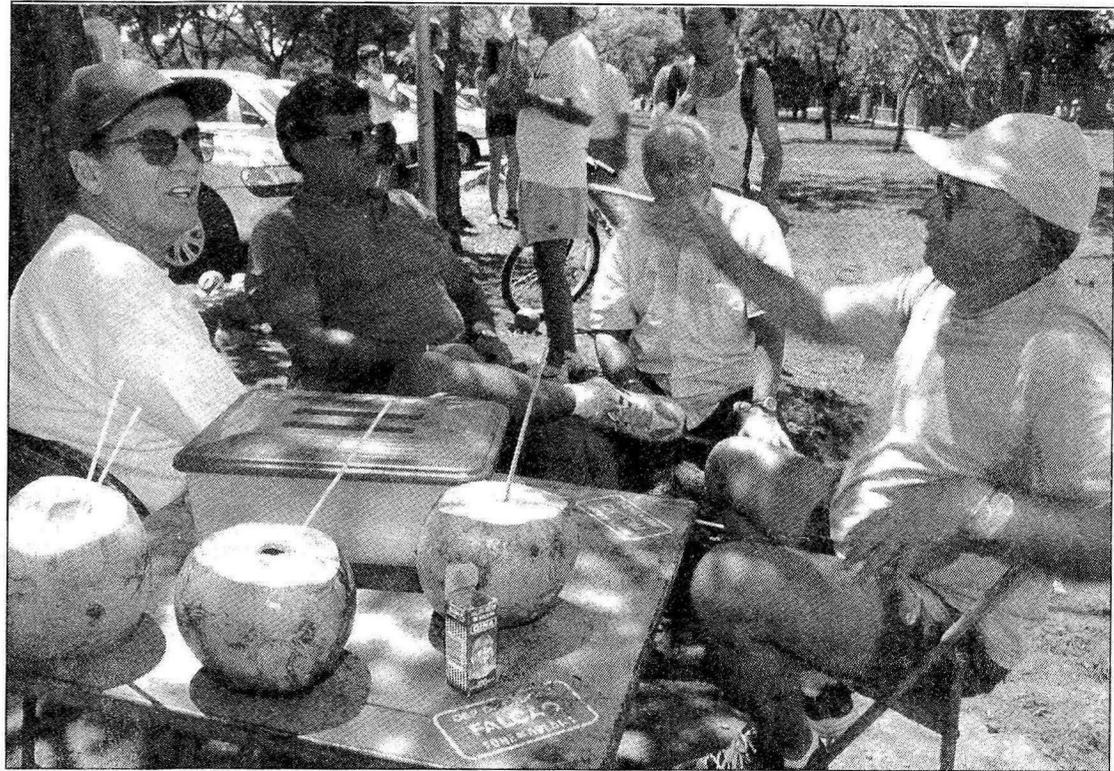
Melhor ainda se for ao lado do vendedor de coco gelado. Todo dia, entre 8h e 12h, um grupo de amigos *bate ponto* na Kombi do “velho do coco”, o quarentão Josemar do Nascimento. São quase 50 pessoas que se conheceram enquanto descansavam depois da caminhada, corrida ou passeio de patins. Isso há mais de 10 anos.

DIVERSÃO GARANTIDA

Os encontros se repetem aos fins de semana. Domingo é dia de churrasco, também organizado no Parque da Cidade. É quando a saudável água de coco é então substituída por bebidas menos lights. “Aí entram a cervejinha, o uísque e a cachaça, trazida de Diamantina”, gababa-se o aposentado Nilton Gama, 53 anos, acompanhado dos amigos Adilson Limoeiro, 55, Miguel Costa, 44, Milton Gama, 54, Kleber de Souza, 71, e Neuzeli Sampaio, 46.

O churrasco de hoje já está confirmado e ficará a cargo do churrasqueiro oficial Adilson. Diferentemente dos outros dias, em que a reunião mais parece a su-

André Corrêa



Há dez anos, todos os dias, amigos se encontram para um bate-papo matinal, na kombi do coco gelado

curisal do *Clube do Bolinha*, o acesso das mulheres é permitido.

A confraternização entre os amigos é rotina no Parque da Cidade. Seja na área das churrasqueiras, sob as árvores, ou junto aos quiosques, dezenas de pessoas se reúnem em programas do tipo “bom e barato”.

Nos dias de folga, um grupo de funcionários públicos, que se conhece há mais de 15 anos, faz festa nas churrasqueiras. Cada família — são mais de 20 pessoas — fica responsável por um ou mais ingredientes para o churrasco. “Sempre tem alguém que chega mais cedo para reservar o lugar”, explica Hamilton de

Almeida Ramos, 44 anos. No Parque da Cidade, eles parecem estar em casa, tamanha a descontração da *Trupe*, como batizaram o grupo que, há cinco anos, tem o mesmo compromisso aos domingos.

Levam som para todos os gostos. Do sertanejo ao rock. E aproveitam o quanto podem. “Costumamos ficar aqui o dia todo. Se chove, a gente se esconde nos carros e espera passar. Só vai embora quando a chuva passa”, diz Maria das Graças Coelho da Silva Oliveira, 43 anos.

Também dispostos a passar o dia, os jovens chegam em bando, com dezenas de mochilas — abarrotadas de biscoitos, sanduíches, refrigerantes —, bolas de futebol, de vôlei. O grupo jovem da Paróquia Imaculada Conceição, de Taguatinga Norte, por exemplo, ainda leva três violões para a galera mais calma, que prefere cantar a correr no campo de areia.

O espaço de sobra também é vantagem para as crianças. Habitualmente confinadas em apartamentos, elas aproveitam os dias em que passam no Parque da Ci-

dade — e nos brinquedos do parque Ana Lúcia —, para “soltar os bichos”. “Aqui eu posso jogar futebol, andar de skate, correr, brincar”, diz o gorducho Vitor Souza, de oito anos de idade. No feriado de terça-feira, ele só largou a bola para lanchar.

Os pais do garoto, Paulo Souza, 37 anos, e Regina, 38, reuniram os amigos, que também levaram seus filhos, e fizeram um grande piquenique nas mesas entre brinquedos, escorregadores e balanços. A cada fim de semana ou feriado, o programa é repetido por centenas de famílias, para a alegria de meninos e meninas.

Todos os meses, a família da contadora Auresandra Carvalho, 31 anos, se encontra no Parque Ana Lúcia. Em dia de passeio, os irmãos Lucas, seis anos, e Júlia, três, e o primo Tiago, seis, — todos sobrinhos da contadora — acordam mais cedo e não dão um minuto de descanso aos pais enquanto não saem de casa. A tia Auresandra é quem os leva para brincar. “Eles ficam hiperanimados e até eu acabo me divertindo também”, diz ela.